

82.09
S586a
exc 1
C92569071

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário da Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00114506
Data 24 / 02 / 06
() Compra (X) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

ANAIK MARIA SILVA

O ADULTÉRIO CIRCUNSTANCIAL EM “O PRIMO BASÍLIO”

Pontes e Lacerda-MT
2005

ANAIK MARIA SILVA

O ADULTÉRIO CIRCUNSTANCIAL EM “O PRIMO BASÍLIO”

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do Título de graduada em Letras.

Orientador: Prof. Ricardo Marques Macedo

Pontes e Lacerda-MT

2005

Este ensaio Monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

RICARDO MARQUES MACEDO

Orientador

ISAAC NEWTON ALMEIDA RAMOS

Membro

RENATA BEATRIZ ROLON

Membro

Pontes e Lacerda-MT, _____ de _____ de 2005.

Dedico este ensaio Monográfico a toda
minha família que me acompanharam e me
compreenderam na busca para realização
deste sonho.

Primeiramente agradeço a Deus, por me dar o dom da sabedoria e Ter me sustentado, podendo assim chegar ao final desta incansável luta que muitas vezes tem sido árdua, mas felizmente venci mais esta etapa. Aos professores que foram dedicados e em especial Prof. Ricardo, meu orientador, e Profª. Renata, co-orientadora, que muito contribuíram para meu crescimento. Aos meus pais e irmãos pela sabedoria de terem investido nos meus estudos e confiado em minha capacidade. Especialmente a meu esposo e filha que me compreenderam diante dos momentos difíceis e na falta de atenção que muitas vezes não pude dar, e por terem despertado em mim a importância do conhecimento e a necessidade de buscá-lo.

SUMÁRIO

Introdução	07
A Obra e sua configuração	10
1. O realismo em Portugal e o realismo em Eça de Queirós	10
2. A Época na obra	13
3. A personagem	14
Um rito social desmascarado	19
1. O casamento	19
2. O adultério	22
3. A Feminilidade no Adultério: Dois casos a se observar	26
4. A Descoberta	28
Considerações finais	34
Referências Bibliográficas	35

INTRODUÇÃO

O romance "O Primo Basílio" conta-nos uma apaixonante história de amor entre Luíza e seu ex-namorado que a encontra casada, após um tempo distante numa longa viagem ao Brasil. O amor que antes se dava por acabado se reacende numa chama mais forte, e os leva a quebrarem as regras da doutrina cristã quando se tornam amantes.

Tudo começa quando o marido de Luíza sai para uma viagem ao Alentejo e a deixa só, com o objetivo de fazer seu trabalho e voltar para levarem a vida conjugal que tinham após pouco tempo de casados.

É nesta volta de Basílio que começa todo enredo da paixão que renasce no coração de Luíza. A visita de seu primo em sua casa, seu ex-namorado que esteve fora do país, traz-lhe certo encanto pela sua beleza e intelectualidade. Essa euforia vaidosa leva à personagem a "desonra" familiar, segundo os critérios cristãos e as regras mantidas pela igreja.

Como há outras obras literárias com assuntos parecidos a este em "O Primo Basílio", procuramos em outra personagem, de "Dom Casmurro", representando a literatura brasileira, aspectos relevantes de caracterização da personagem para traçarmos um ponto de comparação. A idéia de relação entre as obras vem através das palavras e definições de Bentinho, em Machado de Assis, sobre um possível adultério de sua adorável esposa.

Esse é o motivo de traçarmos esse paralelo entre essa duas personagens, com a intenção de analisar o trajeto das mesmas relacionando-as a condições da família perante as leis do clero para o ato conjugal.

Buscaremos assim refletir em "O Primo Basílio" as características das personagens para chegarmos a considerações sobre nosso objetivo.

Na obra que analisamos o autor revela a aparência da personagem Luíza como uma dama da sociedade que tem um casamento feliz com tudo aquilo que uma mulher de família de bem poderia ter. Apesar da apresentação dessa aparência, o autor também demonstra o outro lado da

face de Luíza e nem só insinua seu lado oculto como prova na obra ser ela vítima de adultério e engano.

Em qualquer pessoa sempre há o seu lado oculto, o qual não se sabe o que poderia ser revelado com diferentes situações, Eça usa essa realidade para fazer de Luíza uma personagem esférica que aos poucos é modelada. Apresenta conflito interior e nos surpreende ao longo da narrativa, em cada passo da obra revela-nos sua pessoa numa apresentação explícita.

Como sabemos, Eça critica em suas obras as instituições família, igreja e política, em "O Primo Basílio" revela sobre a educação que as famílias davam as mulheres, destacando na obra analisada uma mulher que se deixa levar por fantasias quando se envolve em leituras de histórias românticas. Por não ter o que fazer, as leituras dessas obras a distraía, mas a leva a um final catastrófico por se envolver em imaginações de fantasias adúlteras. Já os homens são nas obras de Eça enaltecidos com boas qualidades, nunca são vistos como causadores de escândalos, e tem sempre a posição privilegiada.

O caso de amor entre Luíza e Basílio que torna-se em adultério tem início quando ela ainda era uma garota de apenas dezoito anos e vivia em Portugal, o relacionamento dos dois apaixonados não durou muito tempo, pois em 1870, enquanto o país passava por uma crise pela troca de governo, Basílio veio para o Brasil em busca de um futuro melhor e deixa Luíza a sua espera, mas depois de algum tempo lhe escreve terminando o namoro e apresenta na carta algumas justificativas, o que não comprova que seu sentimento por ela estivesse acabado

Por um determinado tempo, perante a ausência de Basílio, há um esquecimento desse namoro. Enquanto isso, Luíza se casa com o engenheiro Jorge, homem pelo que vemos muito bem sucedido e querido por todos, podemos perceber que ele a amava muito e demonstrava por ela muito afeto.

Jorge era homem de opiniões próprias, tinha também respeito aos princípios familiares que eram postos pela sociedade, achava-se honesto e colocava regras na casa, até mesmo nas amizades da esposa estabelecia obstáculos, deixava sempre avisos de seus mandados, se a mulher podia ou

não ser amiga desta ou daquela, decidia assim por si só as ordens da casa, fosse ou não para a realidade da família.

Sem saber o que o futuro lhe oferecia, Jorge opinou sobre um caso adúltero, em uma conversa com Ernestinho sobre o final do ato teatral de um de seus textos, dizendo que caso de adultério de uma mulher era de não haver perdão.

Entendemos que Jorge tinha sua opinião formada a respeito do que lhe aconteceu, porém, perante cada situação o ser humano age de forma diferente, quando chega a hora da realidade Jorge muda de opinião e perdoa a esposa do adultério que lhe foi descoberto.

Temos o objetivo de mostrar através da Literatura Portuguesa o comportamento da sociedade em Portugal no século XIX. Partindo da obra "O Primo Basílio" de Eça de Queirós, buscaremos destacar um pouco sobre os costumes e a postura da sociedade burguesa da época.

Pensamos fazer essa observação por acreditarmos que na sociedade há questões que envolvem o relacionamento humano familiar, e que nestes há descobertas interessantes, as quais são ou não aceitas para a sociedade da época. Assim, buscaremos compreender a partir da leitura e análise da obra supracitada o comportamento da burguesia. Isso, nos parece interessante por construir um lugar de reflexão sobre o caso familiar, uma vez que estamos incluídos nessa modalidade social.

Dentre as inúmeras possibilidades de abordagem que a obra de Eça de Queirós intitulada "O Primo Basílio" nos ofereceu, levando-nos a compreender o tipo de sociedade a qual se referia e vivia, identificamo-nos com o caso familiar de adultério entre Luíza e seu primo Basílio. Assim temos uma compreensão global de outros costumes ocultos ocorridos nas famílias lisboetas.

A OBRA E SUA CONFIGURAÇÃO

1. O Realismo em Portugal e o Realismo em Eça de Queirós

No decorrer da história, o homem tem se preocupado em estudar a arte e a literatura, ao fazer isso pode perceber a sua contribuição e função para a humanidade sendo assim definida e conceituada em diferentes aspectos para cada época, a partir da cultura e da realidade do mundo.

A literatura usa da linguagem para explicar a linguagem que é a matéria prima da literatura, ela é uma manifestação artística, é uma forma de se ler a vida, contribui para informar e também sensibilizar a humanidade.

Há dois tipos de linguagem na qual a literatura pode estar enquadrada, a denotativa, que é empregada num sentido preciso e objetivo; e a conotativa que tem significado amplo sentido figurado, simbólico, cria uma realidade ficcional proveniente da factual.

Antes de serem publicadas as obras realistas em Portugal o que predominava era a escrita Romântica, e este romantismo teve de certa forma, uma grande importância em sua época, mas como sabemos, a literatura tem suas mudanças, portanto ocorre uma nova visão literária e conseqüentemente uma mudança do Romantismo para o Realismo, sendo apresentada a verdade da sociedade que é aqui entendida como forma de engajamento social, esta literatura realista mostra a realidade sem fantasias e abre os olhos do povo para mostrar o caráter social.

Com a questão Coimbra são desenvolvidos os mecanismos do pensamento filosófico e científico e inclui-se nesses pensamentos a literatura com a idéia da realidade factual, a escola propriamente dita realista apareceu em Portugal no ano de 1871 e este realismo que fora desenvolvido nesta época foi uma inovação, partindo da idéia de que a geração de escritores até então era romântica.

Esses passos científicos e filosóficos na literatura para a representação do real foram desenvolvidos através da observação objetiva, sem idealizações, apresentada por Émile Zola; e com a influência do determinismo Hippolyte Taine, com a observação da realidade a partir do meio, raça e momento.

Assim como acontece o desenvolvimento e evolução na sociedade através dos anos, ocorre também naturalmente as mudanças sociais e pensamentos diferentes, ou seja, uma nova maneira de se ver a sociedade, o que torna possível uma mudança ou quebra de estilo literário. Isso aconteceu quando perceberam que a época já não era propícia para o cenário do romantismo, até porque o país se encontrava em pleno capitalismo.

Eça demonstra bem a realidade familiar de Lisboa, ao atacar a família lisboeta se pretende realmente desmascarar todas as personagens em questão. Desta forma, o citado autor mostra tudo o que estava oculto e deveria vir à tona.

Eça de Queirós foi um autor muito respeitado no Brasil, seu principal objetivo era criticar a atuação social da família lisboeta, bem como da sociedade burguesa, a qual mantinha em sigilo casos que só eram tidos como normal nos povos que não eram considerados da elite. Em suas obras, Eça demonstra para os seus leitores a podridão da sociedade lisboeta, sendo esta sempre apresentada através de eufemismos.

Percebemos nas obras de Eça, muita crítica as instituições: família, igreja e política. Em "O Primo Basílio" a família é tomada como ponto chave para suas preocupações literárias, o escritor tem o propósito de observar as possíveis revelações do que era até então socialmente camuflado.

Podemos perceber a forma do realismo de Eça a partir da observação, a literatura Realista trabalha com a justiça, portanto, para trabalhá-la teria de mostrar a realidade, verdade dos fatos que são ocorridos dentro de certa sociedade observada pelo autor, tomando como seu ideal de trabalho as relações sociais, tornando o realismo o hoje, a atualidade. O autor realista utiliza na arte o que esta acontecendo, ou seja, toma a vida

contemporânea para fazer justiça, podendo assim ocorrer mudança social através da arte literária.

Eça de Queirós deixa refletida à arte como verdade de espírito e consciência de uma época, transparece em suas obras o meio físico e social que nem sempre tem um final feliz por mostrar verdadeiramente o real.

O autor de "O Primo Basílio" entende a arte como referencial voltado para o real, relata propriamente os conflitos sociais, o que ocorre de mais intrigante na época, isso para ele era literatura, e sem dúvida, literatura realista. Por motivos dessa diferença, Eça acaba por transgredir as regras do romantismo, que agia mais pelo pensamento, sentimento, e se vê muito a questão da paixão, se enquadra então no realismo, que por sua vez desconhece o sentimentalismo, assim passa a ser utilizada a teoria do Realismo objetivada, ou seja, dirigida pela razão; essa é a forma científica de Eça para a compreensão da arte.

O realismo de Eça tem as suas conceituações e, algumas delas são:

procurar na sociedade, nas suas lutas, nos seus sofrimentos, nos seus trabalhos, na sua vida íntima, a matéria da arte. Estudar os caracteres a luz da psicologia, observar os costumes no que eles tem de mais exato, de mais real, e desta maneira aprendermos a conhecermo-nos melhor nós mesmos, e incitarmo-nos ao aperfeiçoamento; em uma palavra, o ideal como fim e não como meio. (Queiros, 2002, p.21).

É refletida na literatura, a partir do realismo, a verdade de espírito e a consciência de uma época, vendo que há diferenças quando se passa de uma época a outra por motivos de evolução da história humana, o que torna a arte também diferente, ou seja, há novos tempos, há também uma nova arte.

Não se pode dizer que a passagem do Romantismo para o realismo tornou a arte literária melhor ou pior, o que se trata aqui é de ter havido uma diferença na arte que se ajusta melhor com a época vivida pelo autor em determinado ambiente da qual ele observa, portanto, não se pode condenar a manifestação da arte, pois ela teve seu tempo na história, então trata não de progressão e sim de diferença, tendo cada representação em espelho

principal em seu tempo. Assim, como entende Eça de Queirós que a arte deve ser legítima e justa, marcando assim o realismo como:

*a crítica do homem, é a arte que nos pinta a
nossos próprios olhos para nos
conhecemos(...)o seu processo é a análise,o
seu fito a verdade,absoluta (Queirós, In Beatriz
Berrini, 2000, p.37).*

Foi a partir dessa idéia da legitimidade da arte que Queirós propõe em suas obras fazer críticas baseadas nos acontecimentos da realidade humana, principalmente sobre a verdade tapada.

Na obra "O Primo Basílio" encontramos essa idéia que se destaca através da dissimulação dos personagens e a revelação do que estava atrás da aparência de cada um, por esse motivo, interessa-nos analisar nessa obra os escândalos que ocorriam na sociedade burguesa de Lisboa.

2. A Época na Obra

O romance é apresentado em um tempo cronológico, ou seja, em sucessão de dias, para o desenrolar da história iniciamos esse tempo pelo casamento de Luíza e Jorge, quando se inicia um compromisso conjugal entre ambos.

Queirós apresenta, na literatura através do realismo, o poder de transformação social para uma sociedade que vivia criticamente numa vergonha moral, podemos colocar como base para isso a questão do casamento dos personagens Luíza e Jorge.

Observamos a questão da fidelidade no casamento de Luíza e Jorge, em que a traição é o que não é permitido nas leis clericais, e até quando encontramos a "honestidade" nos personagens, através do enredo do

romance. Veremos como o autor demonstra a violência do mundo real o engano da aparência.

Cada personagem de "O Primo Basílio" tem seu comportamento cabível ao seu caráter real, suas vidas se resumem em decadência, desengano, vergonha e infidelidade.

Imagine agora, depois de toda a vergonhosa revelação da realidade burguesa da família lisboeta, são enfim comparados com uma sociedade sem prestígio, podemos entender até que ponto se pode permanecer oculto o verdadeiro caráter dessa sociedade.

3. A Personagem

Sabemos que as personagens constituem um dos elementos centrais na obra por serem os suportes vivos da ação e os vínculos das idéias que povoam uma narrativa; por serem a seleção, o símbolo social e a criatura inventada para simbolizar.

Como vemos, em todo romance estão presentes as personagens de ficção, o ser fictício, pelos quais se desenvolve o enredo, e vivem as idéias e esse enredo com significados e valores reais, porém são apenas representações da realidade, ou seja, vivem ficcionalmente e exprimem uma visão da vida a partir do intuito do romance.

Podemos estabelecer na realidade interpretações da vida de cada pessoa através do conhecimento de suas ações e seu modo de ser. Podem ocorrer variações de acordo com o tempo por obviamente não ser captado em sua totalidade o modo de ser de uma pessoa.

No romance não é diferente, também podemos estabelecer interpretações das personagens através de sua conduta, porém essa interpretação pode não coincidir com a linha de coerência que foi fixada pelo autor, portanto, ela é de natureza e existência mais fixa.

A diferença entre a existência real e a ficcional podemos encontrar nesta citação:

enquanto na existência quotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação dos seres, no romance estes nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo à profundidade reveladoras do espírito (CÂNDIDO, p. 66.).

De acordo com essa citação, e partindo da idéia interpretativa da personagem fictícia Luiza da obra "O primo Basílio" de Queirós, definimos a partir de nossas leituras a caracterização do tipo de personagem que lhe foi estabelecida para nossa pesquisa bibliográfica.

Sabemos que há uma classificação das personagens em cada obra literária, pretendemos observar nesta supracitada uma referência à Luiza, que tem de acordo com nossas observações uma função tradicional de protagonista.

Nas observações que foram feitas com relação a tipos de personagens, podemos constatar através das revelações do narrador quanto às ações de Luiza deixadas de forma explícita ou implícita na obra que esta se define como uma personagem esférica.

Tivemos essa constatação por depararmos com momentos na obra em que Luiza nos surpreende ao ter certos tipos de reação que não esperávamos que a mesma tivesse, além de uma gradação diferenciada na história, o que nos prova em consonância com palavras de Antônio Cândido que,

A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. (CÂNDIDO, p. 63.)

Esse momento de surpresa ocorreu ao longo da narrativa, quando a personagem Luiza fora modelada aos poucos com a presença de um conflito interior ocorrido entre as normas sociais, e, outro conflito exterior na

convivência com as chantagens de Juliana, de onde se pode dizer que foi originada a doença da protagonista pelos problemas emocionais não resolvidos.

Analisando o plano do enunciado na obra, descobrimos que o conjunto de acontecimentos que estão ligados entre si e que nos são comunicados no decorrer da obra, ou seja, o desenrolar da história em seqüência de fatos, estão ligados a uma ação de modo fragmentada.

As ações que são realizadas através das personagens do início ao final da obra não têm uma seqüência, portanto, havendo essa quebra podemos identificá-la como uma ação fragmentada.

Essa quebra na ação da personagem Luiza é observada na obra a partir do momento em que a protagonista é vista como uma boa esposa, sincera, e dedicada. Pelos elogios dos amigos da casa era conhecida e chamada por eles como uma "santa".

Com o desenrolar da história vemos que essa personagem é desclassificada, usando o sentido de cair a máscara, e quando isso acontece cai também a classe moral pela qual se mantinha em posição privilegiada de elogios.

Essa mudança em suas ações que passa de "sinceridade" a "desonestidade", ocorrida através do adultério com o primo Basílio, faz-nos caracterizar o enredo com ação fragmentada, pela mudança de atitude nas ações da personagem Luiza.

Apesar de haver mudança na atitude verbal, física e psicológica de Luiza vista após o seu adultério, ela tem uma apresentação explícita na obra, pois temos no início do romance sua caracterização física e psicológica, embora essas características se invertem no decorrer da história por motivo de fatos e circunstâncias ocorridos com a personagem.

Após a descoberta do adultério, o processo de verbalização utilizado por Luiza à Juliana se inverte, Luiza a chamava de infame, ladra, estafermo, feia besta. Enfim, ao se dar por descoberto e esclarecido através da retenção das cartas as relações dos primos, Juliana utiliza palavras críticas de seu vocabulário para desmoralizar a patroa como: a piorrinha, a bêbada, a cabra e até mesmo ousou chamá-la certo dia de *puta*.

Entendemos que Juliana tomou toda a força do poder moral de Luiza quando faz essa descoberta, fazendo cair a máscara e sua posição de dama respeitada, neste momento se inicia o confronto entre patroa e empregada, visto na obra como representação do conflito de classes, enquanto a sociedade passa por um processo de transformação, Queirós escolhe o tema "adultério" da patologia social com a intenção de reformar a sociedade fazendo denúncias das desigualdades sociais, o que comprova as mudanças da literatura romântica para realista, como afirma Hênio Tavares:

outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social (Tavares, 1991, p.462)

É desse modo que Queirós constrói suas personagens, pegando o modelo do real e transpondo para o ficcional com o objetivo de denunciar as realidades da vida social da sociedade burguesa de Lisboa, levando-nos a acreditar na eficácia da literatura realista.

É importante também ressaltar o espaço do enunciado (Dimensional) vivido pelas personagens, espaço tópico e atópico, horizontal, que é o espaço humano ou natural. O narrador descreve de início junto às belezas físicas e morais das personagens, principalmente de Luiza, a caracterização da grande casa onde residia a protagonista, a rua, os vizinhos e os amigos, enfim, tudo o que formava o cotidiano vivido pela personagem.

A vida de Luiza se restringe a convivência com a empregada que a odiava, o esposo que pouco amava apesar de ter uma boa convivência e, as visitas que às vezes lhe era enfadonha. Sua diversão era quase sempre leitura de romances com os quais passava horas de sua vida em profundo sentimentalismo.

Tudo nos indica que esta personagem sentia a vida monótona e, com a viagem do esposo para o Alentejo sente-se ainda mais sozinha, a companhia dos amigos da casa não é o suficiente para lhe trazer alegria, o autor descreve um clima de aborrecimento para a personagem, e dessa forma procura numa busca de distração a companhia de Leopoldina a grande inimiga de seu esposo.

Tudo isso indica que o espaço humano da personagem não coincidia com as necessidades de prazer de que ela buscava encontrar para sua satisfação e alegria da alma, o que precisava era conhecer-se a si mesma, viver o que tinha guardado dentro dela o que verdadeiramente era a Luiza que estava oculta.

Dessa forma, entre grande aflição de espírito aparece o primo Basílio que lhe promete toda sorte de felicidade dando esperanças através de alguns momentos de prazer preenchendo as necessidades que até então lhe faltava, pode viver momentos de fantasias e ilusões que só conhecia através das obras românticas, apesar de conhecer na realidade um outro lado da história que não foi de final feliz.

UM RITO SOCIAL DESMASCARADO

1. O Casamento

O autor apresenta no início desse casamento, entre Luiza e Jorge, uma felicidade sem tamanho, porém, um ar cansativo em casa que parecia meio monótono, mas vivendo em uma grande casa onde havia arvoredos e pássaros rodeados de suas visitas constantes dos amigos tudo se tornava encantador.

Em casa, Jorge e Luiza eram servidos por Juliana que trabalhava com eles há três meses, Luiza não se identificava com a empregada mas a suportava por causa do marido que não gostaria de a despedir.

Queirós apresenta na figura de Luiza uma esposa idealizada perfeita, diferente, dotada de bondade e pureza no mais alto grau de perfeição, pertencente a família e não a uma sociedade política, portanto vivia confinada apenas no casamento e agia de acordo com os padrões da família da época, apresentando um comportamento voltado apenas para beneficiar seu casamento.

Pelo fato do casamento ser de grande importância nesse tempo vemos a necessidade que havia de se ter um casamento para obter a dignidade e ser bem visto pela sociedade como pessoa de bem, deveria também conservar a boa aparência nesse casamento mesmo que não fosse construído a partir do amor sincero.

Para a protagonista do romance não havia uma fundamentação mais óbvia para seu casamento, ela demonstra o que significava quando ao estar apaixonada por Basílio deseja fugir com ele e ainda afirma que muitos invejariam ela,

Quantos invejariam a sua desgraça! O que havia de infeliz em abandonar a sua vida estreita entre quatro paredes, passada a examinar róis de cozinha e a fazer crochê. (Queirós, 2002, p.213).

Luiza deixa-nos bem claro que seu casamento não tinha o amor necessário entre os cônjuges para serem realmente felizes, era na verdade só a aparência como afirma Queirós em carta a Teófilo Braga: *reunião desagradável de egoísmo que se contradizem, casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria* (Queirós, 2002, p.386).

Dessa forma, podemos observar na obra a personagem Luiza que se envolve em um sentimento passado, na lembrança do namoro de adolescente se envolve em um amor leviano cheio de apetites e sensações pelo primo que pela vaidade de viver uma aventura e obter o amor grátis de Luiza conquista-a. Basílio através de suas palavras convincentes e cheias de egoísmo desperta em Luiza o orgulho da beleza enchendo-a de uma vaidade que cresce e causa a traição. Dessa forma, essa personagem que até então era uma fiel esposa, torna-se um caráter "negativo", uma pessoa sem moral.

Entendemos que há uma mudança de atitude em Luiza, portanto é visto na obra seu caráter obscuro, ou seja, aquilo que não era revelado a ninguém conseguindo tornar oculto o que lhe desclassificasse a moral, poderia ser conhecida como uma dama da sociedade burguesa, mulher bem sucedida, realizada e que tinha um casamento feliz.

Luiza tinha seus desejos secretos que só ela sabia que eles existiam, mas que estavam ali, vivos em si. Esses desejos se revelam na obra no momento em que percebemos que a personagem sentia inveja de sua amiga Leopoldina, considerada uma vadia. Luiza mesmo sabendo que para sua posição devia ter sinceridade e era indecente ter os costumes da amiga, admirava-a tanto em seu perfil quanto nas gabações de escândalo da outra, observamos segundo palavras do narrador que Luiza *tinha um fraco por ela* (Queirós, 2002, p.31).

Temos aí a revelação invejosa de Luiza perante os feitos de Leopoldina, embora seu marido a odiasse, por ela não cumprir com os princípios burgueses defendidos para com o casamento. Para Jorge era inaceitável a mulher ter amantes, por isso Leopoldina não tinha um caráter digno de ser amiga de Luiza, muito menos freqüentar sua casa, uma casa de família.

Observamos que devia se manter os cuidados necessários no casamento para não serem desmascarados perante a sociedade até porque como disse Julião, *o casamento é uma fórmula administrativa* (Queirós, 2002, p.288). Portanto, um bom senhor devia manter sobre domínio a dignidade da família.

Esses cuidados eram tomados diariamente por Jorge e por todos seus amigos para que sua família se tornasse um exemplo de vida conjugal. Percebemos que para a vizinhança de Jorge o centro das atenções era a saída de Luiza para o “paraíso” e a chegada do primo em casa, relacionam isso com o comportamento dela na ausência do esposo. Sebastião sempre disfarça essas façanhas tirando as acusações que recaem em Luiza.

A questão do caráter visto na obra de Queirós é também deixado em contos escritos por ele como em “singularidades de uma rapariga loura”, que fora publicado em 1874. Este conto apresenta semelhança com “O Primo Basílio” quando percebemos a revelação do caráter obscuro de “Luiza” (noiva de Macário) os quais não eram representados jamais através de sua aparência.

A surpresa foi grande para Macário seu noivo, quando descobre que “Luiza” a noiva era uma ladra, Macário não podia imaginar que uma mulher fina como ela de boa aparência pudesse chegar a tal ponto, para mostrar sua dignidade não a aceita mais nem quer jamais vê-la.

Neste conto de Queirós podemos comparar a obra “O Primo Basílio” por também ser relacionado o amor, uma desejável mulher, mas com defeitos inaceitáveis pelo noivo e conseqüentemente à sociedade, apesar de ter apresentações de qualidade.

Vemos tanto no romance quanto no conto a fonte realista que se vincula com os problemas da existência humana, Eça tenta através da literatura fazer a sociedade cair brios e reeducar-se segundo melhores padrões.

2. O Adultério

Toda obra de arte literária está relacionada com problemas políticos, sociais e religiosos. Machado de Assis em "Dom Casmurro" e Eça de Queirós em "O primo Basílio" se fundamentam nesses aspectos para explicar o que acontece com a civilização humana, refletindo sobre os conflitos e organização do mundo atual. Ao observarmos as obras de arte literárias podemos perceber explícita ou implicitamente aspectos relacionados à realidade humana.

Podemos observar nessas duas obras supracitadas, pontos relevantes e de grandes méritos que nos faz despertar o "milagre da arte", e para entender melhor sobre essas literaturas fazemos uma breve apresentação sobre o ser fictício.

Como sabemos o mundo fictício pode ser maior ou menor que o mundo real, podemos constatar que sua minoridade é a causa da limitação, ou seja, ele pode ser limitado a que fator o autor o definir, porém em outro caso ele tem a maioria sobre o real, a partir do momento em que passamos a interpretá-lo, pois na verdade, ele é um mundo de mais interpretação podendo dar várias linhas de entendimento e isto vai depender da leitura que cada leitor faz da obra.

Estes romances nos apresentam alguns aspectos fundamentais dessas interpretações as quais poderemos analisar, por considerarmos um ponto "chave" nas obras que é "o adultério", o declarado concreto adultério de Luiza e o possível "erro" de Capitu.

As cenas apresentadas nas obras de Eça têm características totalmente realistas, sendo que o adultério é típico do movimento realista para afrontar os princípios morais defendidos na época. O autor demonstra a violência do mundo real, o engano da aparência.

Queirós desperta a idéia de escrever sobre casos de adultério também por motivos pessoais que além de realizar idéias reais do mundo atual de sua época revela problemas vividos por ele, em seu perfil biográfico

afirma que o *adultério e o amor ilícito (...) o perseguia desde a infância* (Queirós, 2002, p.401).

Relacionando esse adultério com a obra de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, quando fala também de um adultério duvidoso, o qual deixa um julgamento arbitrário por parte do leitor apesar de insinuar esse adultério para que fosse focalizada a ironia social da época, levando assim, a literatura brasileira a uma surpreendente revolução.

Dom Casmurro está narrado em primeira pessoa em um tempo cronológico, histórico, físico e psicológico, o autor tem toda a intimidade de conversar com o leitor e transpor suas idéias. O tempo cronológico da obra tem vários espaços na história, o espaço do narrador e outro onde ele está no momento, de lá ele recapitula outros espaços vividos por ele, refere-se a época e ocasião dos acontecimentos, vive o agora com o psicológico noutro tempo numa lembrança emocional.

Numa forma de discurso Casmurro usa sua argumentação para dar a entender que Capitu poderia ter elevadas formas de imaginação, para encontrar assim saída para tudo, ou seja, para sua desconfiança.

A argumentação de "Dom Casmurro" era baseada na verossimilhança dos fatos, por várias vezes ele compara e percebe os gestos e olhares de Capitu, vemos essa demonstração na morte de Escobar, quando "Casmurro" observa desconfiadamente o olhar de sua esposa para o defunto.

Segundo os pensamentos de Casmurro pode-se constatar o adultério, o autor deixa claro na biografia de sua obra que foi enganado, além das insinuações e argumentações que são feitas:

A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremos ambos tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. (Assis, p.24).

Apesar das duas personagens se coincidirem no mesmo assunto, não deixaremos de especificar com mais profundidade o adultério de Luiza, já que este é o item mais focalizado em nosso trabalho, deixaremos, portanto alguns parágrafos para uma melhor compreensão da concretização desse adultério.

O adultério de Luiza foi decorrente da volta de seu primo para Portugal, de onde havia partido para o Brasil quando ainda era muito jovem.

A reminiscência da juventude dos dois amantes (Basílio e Luiza), o reviver de uma paixão adolescente marca o desenrolar do romance, onde é representado os amores lisboetas passados em Cintra.

Apesar da representação de amor que Luiza fazia ao esposo, não deixa de se alegrar quando lê na notícia do jornal a chegada do primo Basílio, o narrador descreve que *um sorriso vagaroso dilatou-lhe os beicinhos vermelhos e cheios* (Queirós, 2002, p.25). A seguir segue-se a lembrança do primo em seu primeiro namoro aos dezoito anos.

Podemos imaginar que as recordações de Luiza quando namorava o primo, desperta o desejo de sentir outra experiência amorosa mesmo depois de seu casamento.

Com a viagem de Jorge para o Alentejo, Luiza se preparava para ir à casa de Leopoldina depois de doze dias de sua partida, um ato que jamais poderia ser descoberto pelo marido que odiava essa sua amiga, pelos costumes "errôneos" da mesma, mas, antes de sair tem a visita inesperada do primo em casa, então revela-se muito satisfeita pela surpresa.

Podemos perceber a partir daí o jogo de fantasias que ocorre desde o momento em que Basílio faz a primeira visita à prima, lembra-lhe alguns momentos que ficaram juntos quando ainda eram namorados e justifica seu interesse quando observa *as linhas de seu corpo* (Queirós, 2002, p.66), também confessa ter ido a sua casa por seu marido estar de viagem.

As cenas de fantasias obviamente feitas através das argumentações de Basílio representam uma das especialidades de Queirós quando joga com os sentimentos das personagens. Luiza também se sente feliz após esse encontro por estar vestida, sua vaidade se reflete quando se olha no espelho, o narrador nos desperta a idéia de interesse e atração de Luiza pelo primo quando afirma que *achou-se muito afogueada* (Queirós, 2002, p.68).

Entendemos a partir daí o poder de argumentação de Basílio, que funciona através da vaidade de Luiza e seus pensamentos de fantasias

amorosas, que fora despertado pelo retrospecto de sua vida passada quando ocorre a interpretação das insinuações do primo.

Quando lemos a obra "150 anos com Eça de Queirós" entendemos que essa idéia é específica de Queirós em suas obras, o autor nos revela uma frase que podemos usar aqui como uma afirmação para a certificação de nosso entendimento:

Eça é especialista em jogar com os desejos e fantasias do ser humano, mostrando como eles se prestam ao exercício da sedução e do poder. (150 anos com Eça de Queirós, p.291).

Essa idéia de sedução é vista realmente em muitos momentos na obra "O primo Basílio". Basílio joga muito com os sentimentos de Luiza e através de seus elogios chega até a mentir para vê-la tomar confiança e tranquilizar-se diante do medo de ser desmascarada.

Podemos entender que ocorre esse jogo através da mentira quando a convida para fugir dizendo: *Foge comigo, vem, levo-te!* (Queirós, 2002, p.135). Ao chegar no hotel em que se hospedava, graceja com o amigo: *Oh! Está caidinha!* (Queirós, 2002, p.135).

Luiza recusa a proposta de Basílio ao lhe oferecer dinheiro, pela raiva de lhe haver negado a fuga. Essa recusa pelo orgulho faz-lhe ser sujeita a chantagens da empregada que lhe detém uma carta, a qual lhe compromete toda a felicidade.

Quando Luiza toma consciência de que foi enganada e consequentemente usada para a satisfação de um desejo do primo cai em desespero, enquanto Basílio tenta encontrar um pretexto para sair da cidade e fugir.

As circunstâncias aconteceram, só ficaram as lembranças dos momentos felizes e uma grande perturbação para Luiza viver em seu futuro, o narrador descreve o fim dessa frágil união entre os dois amantes da seguinte forma:

-Ele partia alegre, levando as recordações romanescas da aventura; ela ficava, nas

amarguras permanentes do erro. E assim era o mundo! (Queirós, 2002, p.231).

Neste contexto, nós leitores podemos observar a denúncia que o autor faz respeito ao engano, a falsa aparência sabendo que a boa literatura contribui para compreender e enfrentar os desafios que a vida nos apresenta.

3. A Feminilidade no Adultério: Dois casos a se observar

O fato de Luiza ter se envolvido com uma paixão repentina pode ser explicado por sua personalidade feminina e a falta de conhecimento de mundo, o que ela não tinha, ou seja, era uma pessoa alienada com relação ao mundo real.

Podemos perceber que esta personagem vivia horas de sua vida metida a ler romances, o que poderia ter despertado e influenciado nela o desejo das fantasias e aventuras amorosas, isso nos é confirmado a partir dessa argumentação, *romance é a partir dos romances que Luiza constrói uma imagem idealizada da realidade* (150 anos com Eça de Queirós, p.353).

A fraqueza e ingenuidade da mulher são percebidas por Jorge, que quando observa isso não deixa de advertir e pedir ajuda ao amigo Sebastião quando está prestes a viajar a Alentejo, Jorge alerta-o dessa seguinte forma:

É necessário alguém que a advirta, que lhe diga: alto lá isso não pode ser! (...) É mulher, é muito mulher! (Queirós, 2002)

Com esta frase dita por Jorge podemos dizer que há a presença machista na obra, e isto acaba permanecendo implícito, a mulher é vista como um ser impossibilitado de qualquer raciocínio que possa distinguir o bem e o mal, é

revelada a personagem feminina como uma criança que está sempre necessitando de um adulto que a advirta por ter maior experiência, assim usa frases para conduzi-la introduzindo nela uma doutrina, ou seja, está sempre a moldando segundo seus próprios conceitos de vida e cidadania.

Essa demonstração da fraqueza feminina é também apresentada por Machado de Assis na obra "Dom Casmurro" quando a melhor amiga de Capitu olha de jeito diferente ou de interesse seu marido (Bentinho) e deixa a impressão de estar envolvida por algum momento em um sentimento, por mais que ocultasse isso e julgasse ser um acaso.

Bentinho em "Dom Casmurro" se acha capaz de ser traído por não confiar na feminilidade de sua esposa, referimos aqui a fraqueza feminina que é declarada pelo autor, Bentinho confiava na honestidade da mulher, mas, sabia também que esta tinha seus sentimentos que poderiam estar ocultos e surgiriam inesperadamente, ou seja, que pudesse revelar seus verdadeiros sentimentos e pensamentos através de suas ações em determinada situação.

No conto "No moinho" de Eça de Queirós publicado em 1892 é retratado também um tipo de mulher que se compara a Luiza; o autor define a cor loura, de fino perfil, olhos escuros, enfim, é esclarecida toda sua beleza assim como seu sofrimento, Queirós dá-lhe um nome próprio para a ocasião do assunto descrito no conto, "Maria da Piedade", esta cuida do marido velho e doente. Com a situação de sofrimento, Maria da Piedade passa por muitas infelicidades, até que certo dia um primo a faz vítima de adultério prevendo-lhe perspectivas de felicidades.

O caso das leituras dos romances que eram feitos por Luiza, foram também percebidos nesse conto. Nele, Maria da Piedade se deixa levar pelo desejo de ser amada misteriosamente como na ficção através do despertar vaidoso que as leituras românticas lhe causam.

No início do conto Maria da Piedade é apresentada com muita seriedade vivendo entre as cortinas de sua casa sempre costurando, recolhida e séria. Era conhecida como uma "santa", assim a via o velho Nunes, porém essa personagem sofre uma mudança de caráter decorrente

da viagem do primo para sua cidade e quando a visita apaixona-se por ele e entrega-se ao adultério.

A forma dessa ocorrência focaliza o ser humano assim como ele é. Seu exterior é também o oculto que se deixa transparecer através de detectar suas ações, os seus atos.

A representação da mulher do século XIX tinha seus preceitos, suas regras, devia ser honesta e pura em qualquer situação, mas com a introdução da literatura realista por Queirós há sempre nas obras a exceção dessa pureza, o autor representa através da literatura os pensamentos ocultos e o desejo comprimido que a mulher pode ter, os quais vêm à tona, assim, pela personagem feminina revela-nos a real natureza humana.

4. A Descoberta

A obra apresenta ocasiões que nos conscientiza que há aspectos que ainda continuam persistindo em nossa sociedade atual. Na sociedade lisboeta, Queirós destaca o tema da chantagem que parte da empregada à patroa. É preciso ressaltar a importância dessa personagem que nos apresentará algumas intenções, as quais levaram a morte da protagonista da história.

O adultério de Luiza e Basílio tendo já sido consumado torna-se após alguns dias uma preocupação para a protagonista. O clima de sedução, paixão e alegrias se tornam em desespero após a descoberta do “crime” pela empregada que usa a oportunidade de roubar as cartas que foram escritas para Basílio, o segredo da patroa, aí ocorreu o momento de lhe fazer chantagem e ganhar com o uso desse seu objeto de satisfação.

Quando as personagens dissimulam para alcançar seus objetivos deixa transparecer a hipocrisia do mundo burguês, as realidades existentes na sociedade e a falsa devoção dessa época. Juliana nos revela essa realidade a partir da mudança de atitude.

Notamos que existe neste contexto uma atitude estranha de Juliana, atitude que não era notável nas empregadas, o motivo dessa mudança foi a obsessão que levou a personagem a visar a estabilidade financeira por intermédio de um procedimento que não era normal nessa época.

Podemos dizer que nessa apresentação da mudança na personagem, ou seja, uma nova forma de atuação, o autor busca revelar novas perspectivas de vida, novas realidades, neste contexto é também possível observar a denúncia de que Queirós faz respeito à exposição do fingimento e da vaidade das pessoas não só na sociedade burguesa, mas também vista entre o povo menos favorecido economicamente.

Queirós busca assim fatores essenciais para construir e dar nova forma coletiva e individual de viver. Propicia nova forma de conhecimento, denuncia os valores da sociedade que não pensava mais em coletividade e sim em individualidade.

A atitude de Juliana revela um dos fatores na forma individual de viver, que é vista na obra, vem decorrente de sua injúria por causa das divisões econômicas muito rígidas que privilegiava os burgueses e menosprezava sua classe, portanto a discriminação a levou a ter ódio de todos. Encontramos na obra afirmações de suas cóleras como:

As antipatias que a cercavam faziam-na assanhada, como um círculo de espingardas enraivece um lobo. Fez-se má; beliscava crianças até lhe enodoar a pele; e se lhe ralhavam, a sua cólera rompia em rajadas (Queirós, 2002, p.74).

Percebemos aqui o sentimento de revolta pela dureza da vida, degradação humana e de valores, descaso social. Juliana começa a se rebelar contra as injustiças sociais do meio que vivia ao reagir, embora de uma forma agravante a situação caótica de menosprezo.

Juliana se destaca na obra como uma empregada diferente das demais da época, era nervosa e muito curiosa, a revolta que a conduzia fazia ter desejo de conseguir descobrir alguma façanha da patroa para fazer chantagem conseguindo assim um futuro garantido.

A situação do ambiente que vivia Juliana não das melhores, entendemos claramente que era miserável e desumano; essa pobreza que não a deixava nunca causa revolta e desespero humano, isto traz, portanto o tipo de comportamento que vemos em Juliana, a agressividade.

Juliana se mantém nessas atitudes até o momento que consegue uma prova do ato de adultério da patroa, aí tinha quase tudo que precisava para ter uma vida digna. Como disse tia Vitória quando soube do roubo das cartas - *Bem agora tens a faca e o queijo! Com isso já podes falar do alto.(...)tens o rato seguro* (Queirós, 2002,p.216).

A chantagem que esta personagem usou quando obteve a carta de Luiza à Basílio foi impressionante, ela chegou ao ponto de quase se tornar patroa enquanto Luiza tornava-se sua empregada, vemos que os trabalhos domésticos já estavam sendo feitos pela patroa, passava, engomava, varria e até água no banheiro colocava enquanto Juliana folgava, já estava tão tranqüila que encontramos a afirmação de que *poucas vezes se erguia antes da hora de servir o almoço* (Queirós, 2002, p.269).

A tristeza da vida de Juliana se acaba por algum tempo enquanto consegue uma vida tranqüila com todo conforto que poderia ter:

Bem alojada, bem alimentada, com roupa fina sobre a pele, colchões macios, saboreava a vida (Queirós, 2002, p.267)

Em meio à prosperidade de Juliana, Luiza se definhava a cada dia com a preocupação de não conseguir mais ocultar o segredo, chega a se perguntar *até onde iria a tirania de Juliana? (...) Que feliz seria se não fosse a infame* (Queirós, 2002, pp.267.269).

A preocupação de Luiza diante da chantagem da empregada faz-lhe adoecer, a perturbação pelo medo da revelação de Juliana sobre as cartas. Vemos que já não suportava mais fazer tantos trabalhos e desculpar dos desleixos da empregada com o marido, via que suas farsas chegaram ao fim.

Estava farta! Aturar a mulher, a sua tirania, e ouvir a todo momento ditinhos, alusões(...)era

demais; bastava! Ele começava a desconfiar, a bomba ia estalar! (Queirós, 2002, p.312).

As desculpas de Luiza estavam mesmo preocupando não só a Jorge, mas aos outros que freqüentavam a sua casa, sua bondade grandíssima para com a criada os assustava até porque em outros tempos Luiza não gostava de Juliana e a achava "antipática". Certo dia, quando do atrevimento das empregadas, Dona Felicidade fala das confidências de certas patroas, e isso abalou Luiza diante do assunto, a sua amiga refere-se de tal forma:

Muita vezes é culpa das amas (...) Fazem das criadas confidentes, e isto, em elas apanhando um segredo tomam-se as donas da casa (Queirós, 2002, p.257).

Depois de procurar várias formas de se libertar dessa chantagem, Luiza já estava quase sem esperança, a doença se agrava, certo dia de repente desmaia e volta a si muito fraca, daí por diante cada dia fica pior, no outro dia apresenta segundo observações *um pouco pálida, e os seus olhos as vezes erguiam-se com uma fadiga triste, sorrindo silenciosamente de um modo desconsolado* (Queirós, 2002, p.294).

Em meio a grandes desilusões Luiza decide contar toda verdade para Sebastião, na intenção que este pudesse ajudá-la a se safar dessa situação desesperadora, finalmente, sua coragem a livra da chantagem de Juliana, que se concretiza através da morte imediata desta.

Luiza sentia-se parcialmente aliviada após a morte de Juliana, mas a consciência lhe dói muito e isso não a deixa descansar em paz, uma febre forte a domina com o passar dos dias. Quando Luiza começa a se recuperar achando estar tudo resolvido Basílio lhe escreve uma carta que pára nas mãos de Jorge que lhe abre o verbo quando a vê melhor, Luiza de repente torna a se arruinar e daí não se recupera mais.

Jorge certifica-se sobre a gravidade da doença da esposa e lhe dá todo carinho que poderia; perdoa-lhe diante de todo seu "erro", faz o possível para vê-la recuperada, porém tudo é em vão, Luiza não consegue se recuperar e a dor lhe aflige diariamente.

A doença de Luiza é apresentada da forma como realmente acontece fora da ficção com pessoas reais, desde o primeiro momento o autor leva o leitor a viver os fatos como se estivesse ali no momento, o leitor também sente um pouquinho da alegria ou da dor que passa os personagens quando eles se interage nessa convivência ficcional, ou seja, ele vive esta realidade na obra a partir do momento em que vai descobrindo as cenas .

Podemos perceber através da doença de Luiza que as cenas de terror e repugnância são apresentadas aos leitores quando o autor relata minuciosamente os detalhes dos fatos; temos o exemplo da perda do cabelo de Luiza que foi cortado e rapado para obter um melhor resultado do tratamento da febre, o autor descreve como a personagem apresentava diante desse processo:

A face lívida cavava-se , o lenço que envolvia a cabeça desarranjava-se, via-se o crânio rapado, de uma cor ligeiramente amarelada (Queirós, 2002, p316).

Notamos que os dias para Jorge são um pesadelo diante da fatalidade da doença decorrente do adultério da esposa, após a revelação da carta de Basílio, Luiza torna-se pior. Segundo o autor, Jorge estava *taciturno, cortado de pressentimentos, de sustos* (Queirós, p.365).

Nada que fizeram os médicos pode curar Luiza, a febre anuncia sua morte, Luiza passa por uma introspecção tão profunda que se torna angustiante e até mesmo tão torturante que chega a se transformar em alucinações, visões ou quase estado de loucura.

Luiza revela seu passado torturante diante dessas alucinações e delírios que levam às lembranças, momentos de prazer, tem uma sensação enlouquecedora de prazer, o narrador descreve que:

Gritava pela carta, maldizia Juliana ou então dizia palavras de amor, enumerava somas de dinheiro(...).Julgando-se no paraíso e nas exaltações do adultério chamou Basílio, pediu champagne teve palavras libertinas. (Queirós, 2002, p.366).

O leitor pode sentir essa carga de emoções que é passada através das revelações da protagonista do romance quando se revelam, isso não corresponde a aparência exterior, mas é uma realidade que está a nossa volta onde muitas pessoas sentem-se em conflito interior que talvez num momento de delírio revelasse todo pesadelo da vida, é assim que reconhecemos o nosso ambiente existencial, Antônio Candido afirma que,

A verossimilhança no romance depende dessa possibilidade do ser fictício (...) sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lindíssima verdade existencial. (Candido, 2002, p.55).

Apesar dos esforços, Luiza não consegue sobreviver, a tristeza envolve todos os amigos e principalmente Jorge. Após o enterro, o causador de sua morte volta com a intenção de encontrá-la, e, ao saber da notícia da morte da prima não tem nenhuma tristeza, somente sorri e se arrepende por ter vindo sozinho *podia ter trazido a Alphonsine!* (Queirós, p.384.)

Percebemos, dessa forma, a intenção que tinha o "adorado Basílio", como chamava Luiza, tido quase como um deus por ela, o dandi que se apresentou a ela como um homem rico de hábitos franceses, muito viajado e interessante a leva a morte pelo desprezo que lhe deu quando fugiu de repente.

Através dos acontecimentos no decorrer da obra vemos a realização das circunstâncias da morte de Luiza pelo procedimento de Basílio que só quis se aproveitar do amor grátis da prima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os valores que são impostos pela sociedade faz muitas vezes com que o ser humano entre em crise, as regras, as limitações faz tornar-se um ser fragmentado, por ter que aceitar uma identidade coletiva vivendo a sua própria identidade.

Na obra “O primo Basílio” Eça de Queiroz usa a protagonista para nos mostrar as fragilidades e fragmentações do ser humano, apresenta a aceitação das imposições, quando a personagem tenta esconder atrás das máscaras dos valores morais das instituições familiares e sociais, ocultando a sua verdadeira face, toda essa tentativa deixa-a tão frustrada e angustiada que se deixa levar pela morte.

A sociedade é que dá as condições ao ser humano, mostrando que este não tem liberdade, torna-o fragilizado, e em busca de uma libertação sempre esbarra com as condições impostas de moralidade social.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Objetivo, 1996.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São paulo: Ática, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *A literatura portuguesa*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- _____. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- PROENÇA, Domício Filho. *Estilos de Época na Literatura*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- QUEIRÓS, Eça de. A nova literatura: O realismo como expressão da arte. In: BERRINI, Beatriz. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- _____. *O Primo Basílio*. São Paulo: Ática, 1994.
- RAMOS Jr. José de Paula. *Roteiro de Leitura: A ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós*. São Paulo: Ática, 1996.
- SARAIVA, Antônio José, LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17. ed. Porto, [s.d]
- TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. 10 ed. Rio de Janeiro, 1991.